



Propriedade da Empresa do "Barcellos-Revista,,"

DIRECTOR E EDITOR: EDUARDO LARCHER MARÇAL.

RED. E ADM. LARGO JOSÉ NOVAES. COMP. E IMP. CENTRO DE NOVIDADES

Ainda o Regionalismo

... vox clamantis in deserto ...



campanha iniciada por este jornal em favor do Regionalismo, não tem encontrado até hoje nos nossos patricios o apoio caloroso que lhe facilitaria o triumpho.

Áparte os dois ou tres jornaes minhotos que se occuparam d'ella, transcrevendo com palavras de louvor e de incitamento o que sobre o assumpto aqui dissemos, áparte as poucas pessoas que desde logo lhe comprehenderam o alcance, só vimos encontrando indifferença, scepticismo, desconfiança, quer na imprensa regional quer n'aquella parte da população que se diz illustrada.

Comtudo, trata-se de uma ideia patriótica e de uma causa, moral e scientificamente justa, que, em vez de desconfiança e de indifferença, deveria encontrar em todos os patriotas sinceros o mais entusiastico acolhimento e a mais solícita adhesão, porque afinal é do interesse de nós todos e do Paiz que ella triumphe.

Por toda a parte, lá fóra, nos paizes mais conservadores como n'aquelles que adoptam em politica as theorias mais adelantadas, o Regionalismo tem feito caminho porque se

reconheceu que é um poderoso factor de progresso e uma das mais solidas bases em que se firma a autonomia das nações. Definindo fortemente o caracter especial de cada raça, é elle quem lhe affirma o potencial e as energias, e lhe marca na marcha para a frente o logar inconfundivel que lhe pertence.

Que importa que a Polonia tenha sido vencida e desmembrada pelas Guerras, pelos Tratados e pelas Leis! O povo polaco continúa a affirmar a sua existencia, graças ao seu ardente regionalismo, á firmeza inquebrantavel das suas crenças, á cohesão dos seus esforços, á tenacidade das suas esperanças e á energia indomavel do caracter de uma raça, que sob o governo despótico da Russia, ou sob a oppressão esmagadora da Allemanha, conserva a sua lingua, os seus costumes, as suas honradas tradições!

Por toda a parte, e em todos os paizes em que o desejo de resolver para bem da Patria os mais altos e os mais graves problemas nacionaes sobreleva as luctas mesquinhas das ambições e a esteril satisfação das vaidades, não é só a iniciativa particular; são tambem os governos que intelligentemente procuram despertar o entusiasmo pelo regionalismo e o interesse pela vida local de onde surgem as iniciativas e as energias que, promovendo a satisfação das necessidades e das reivindicações regionaes,

acabam por se reunir para imprimirem um impulso generoso e fecundo á vida e á prosperidade da nação.

Nos paizes que conservam ainda a tradicional e natural divisão administrativa, são os proprios governos que, dando liberalmente ás Provincias a maior autonomia, procuram manter intactos os fortes nucleos regionaes, indicados pelas condições geographicas do sólo e pelos caracteres ethnicos das raças, ligados pelos mesmos costumes e pelas mesmas tradições, unidos pelos mesmos interesses communs e pelos mesmos ideaes. E da forte confederação d'essas provincias é que resulta a constituição solida e inabalavel das nacionalidades.

E' o que succede na liberal e pratica Inglaterra, e na Hespanha, nossa vizinha e nossa irmã, que tão bem comprehendeu que para reconquistar a sua posição perdida e para se reorganisar depois das consequencias desastrosas de uma orientação errada, tinha de recorrer a esse forte sentimento humano do amor pela terra, e entrou desassombradamente no caminho liberal da descentralisação administrativa, com a protecção á agricultura e ás justas aspirações do Regionalismo.

Nos paizes em que as utopias centralisadoras desmembraram as antigas provincias em divisões territoriaes marcadas sobre a carta, a compasso, nos gabinetes dos ministros, são as populações quem, não se importando com os limites marcados e com as fronteiras arbitrariamente impostas, voltam a reunir-se nos antigos agrupamentos regionaes para tratarem e resolverem em commum os assumptos que as interessam, e com a força que dá a união solicitarem e, quando necessario, imporem aos governos as medidas e as leis que as suas regiões reclamam para prosperar e para se desenvolverem.

E' o que está succedendo, por exemplo, em França, na França que tantas vezes invocamos para modelo e que n'isto, mais do que em tanta coisa, deviamos imitar.

O interesse commum das populações leva-as a reconstituir as antigas provincias que a divisão em departamentos tinha desmembrado, e esses fortes blócos regionaes, reconstituídos pelo instincto seguro e pela

ABYSSUS

*Has-de voltar. Has-de voltar um dia
Sequiosa de meus beijos, calculando
Todo o sabor que meus labios, queimando,
Na tua carne imprimirão. E espia*

*A ancia d'esse desejo. E que á porfia
Labios e braços, teu corpo buscando,
Sejam no ardor eguaes. E egual, o bando
Louco dos beijos, loucos d'alegria.*

*Assim, somente assim. Da primavera
Do nosso amor, louca, somente, dera
A illusão, esse febril desejo.*

*Voltas. Teu corpo é o mesmo. Só, querida,
Aquelle ardor que a mim te viu cingida,
E' que morreu com o primeiro beijo!*

RAUL MARTINS.

vontade firme dos povos, pesam mais na balança das resoluções dos Poderes Publicos do que se isoladamente e por departamentos quizessem actuar.

Os habitantes da antiga Provença, impulsionados pela iniciativa patriótica e intelligente do grande poeta Mistral, conseguiram que o governo francez reconhecesse oficialmente o seu antigo dialecto permitindo que elle se fallasse e se estudasse nas escolas e nos lyceus. Foi este o resultado de uma serie de esforços tenazes e coherentes dos Provençaes e que serviu para congregar as forças dispersas e as energias latentes de uma raça forte e activa, e de ponto de partida para o resurgimento material, intellectual e artistico da bella e rica provincia franceza.

Quem diria que do sonho patriótico de um poeta, das suas canções em dialecto e da sua tentativa para não se perderem os antigos costumes e os trajos regionaes da sua terra, havia de resultar aquella obra grandiosa?!

E no resto da França, na Bretanha, no Poitou, na Auvergne, em todas as antigas



AUGUSTO SOUCASAUX

Provincias, por toda a parte o mesmo impulso, o mesmo esforço, o mesmo ideal!

E é ainda graças ao Regionalismo, ao intenso apego ás velhas tradições, á lingua mãe, aos antigos costumes, que a Allemanha não tem conseguido germanisar a Alsacia.

A Suissa, quasi cosmopolita pela enorme percentagem da população estrangeira, é, graças á sua forte orientação regionalista, que está prospera e florescente. Os estrangeiros que allí vão, attrahidos pela salubri-

dade do clima e pela belleza esplendorosa da paisagem, extasiam-se tambem ante os aspectos interessantes da população que, carinhosamente, mesmo perante a invasão dos forasteiros, conserva os velhos costumes patriarchaes, os trajos pittorescos, as cantigas locais e até as danças, differentes de cantão para cantão. E em troca da sensação agradável que tudo isto lhes proporciona, os forasteiros deixam a rodos o dinheiro que enriquece o paiz.

Na Noruega, ainda ha pouco uma revista estrangeira noticiava que as alumnas de uma escola superior tinham resolvido adoptar para irem ás aulas os pittorescos trajos regionaes das suas provincias...

Mas para que repetir exemplos? Por toda a parte é isto, é o immenso impulso de uma ideia que, afervorando o culto carinhoso do lar e da terra, exalta e eleva a noção da nacionalidade e o amor da patria.

Só entre nós ninguem com isto se preoccupa, vamo-nos deixando ir indifferentes pela estrada da rotina onde se perdem as iniciativas e se atrophiam as energias.

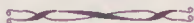
A vida local arrasta-se vegetativa, esteril, triste, e os homens que podiam trabalhar para levantar o nivel moral e intellectual da sua terra, preferem gastar a vida, a actividade, a intelligencia, que todos devemos ao bem commum dos nossos concidadãos, nas questiunculas dissolventes das terras

mortas, nas luctas mesquinhas de pequeninas ambições, na satisfação inconfessável de ridiculas vaidades.

E para tudo o resto indiferença, scepticismo, desconfiança!

E' preciso reagir, é preciso combater contra isto se não queremos um dia desaparecer como cidadãos de um povo livre, esmagados ou absorvidos pelos que, cheios de fé, de patriotismo e de character, nos estão mostrando o caminho a seguir.

V. B.



Augusto Soucasaux

DEIXOU-NOS, tendo partido para o Brazil, este nosso querido amigo e distincto collaborador.

Fino espirito, brilhante, agudo e ironico, coração de oiro e intelligencia de fino oiro tambem, Augusto Soucasaux tem em todos que o conhecem, só quem o estime e o admire.

A sua bella alegria, clara, aberta, rutilando como o sol claro de junho, mostra bem como a sua alma é sã, equilibrada e boa. Porque o seu humor alegre, que sublinha sempre com uma phrase d'espirito, impagavel de graça, qualquer factio picaresco, é a satisfação de viver dos bons e dos fortes, d'aquelles para quem a vida é boa, porque o seu coração é bom tambem. Por isso em vão se procura na ironia, na fina graça de Soucasaux, um proposito acintoso de mal-dizer ou de ferir. E' que a sua alegria, o seu bom humor, saem-lhe da alma tão naturalmente, como um jorro d'agua clara, do seio fecundo da terra.

Bella organização de estheta, Soucasaux é um verdadeiro artista na photographia.

A sua machina não fóca ao acaso o que se lhe depara; procura sempre um aspecto bello ou interessante da natureza, procura sempre *alguma coisa* que nos *possa dizer alguma coisa*. Por isso, as *paisagens* ridentes do nosso Minho, as nossas ruinas abandonadas e melancholicas, os aspectos curiosos do nosso povo, as scenas pittores-

cas da nossa vida burgueza, teem, photographados por Soucasaux, um encanto novo e um novo interesse.

A *Revista* deve-lhe algumas das suas paginas mais interessantes, cheias do seu bello humor, da firmeza do seu espirito culto de artista, e deve-lhe com certeza as suas melhores photographias.

As ruinas do Convento de Banho, as eleições, os aspectos da nossa villa, o Zé Povinho Minhoto, que os nossos leitores conhecem, são trabalhos photographicos onde ha um elevado senso artistico e por vezes uma graciosa e inoffensiva charge.

*

E' portanto como um dever de agradecida amizade e carinhosa admiração que a *Revista* publica hoje o retrato do seu brilhante e original collaborador.

E todos nós, os seus amigos, os que o vimos partir com uma grande e sentida saudade, pedimos-lhe, pedimos á saudade que elle tambem leva do nosso Minho, que o não esqueça e que nos continue a fallar d'elle, como o sabe fazer a sua penna brilhante e graciosa, ironica e sentimental.



ARTE LIVRE

L'art est-il social? S'il ne l'est, en son essence, doit-il ou peut-il l'être?

EMILIO VERAEREN.

TEXHO, de míni para commigo, como verdade authentica que a arte é, na sua íntima essencia, de character puramente individual e subjectivo. Essa é a condição básica da sua liberdade. Porque arte livre não é, a meu ver, a que se reclama desta ou daquella escola sociologica; é, sim, a que sahe da alma e se endereça á alma, pedindo apenas ás leis do sentimento individual a sua propria razão de ser.

Dar á arte o ferrete duma escola é amesquinha-la. Essa escola poderá muito bem ser, philosophicamente, de rasgados, transcendentaes vãos; mas a arte, a dentro del-

la, não poderá nunca ser verdadeiramente livre, como livre não é nunca uma ave guardada numa gaiola d'ouro.

A meu ver, a debatida theoria da arte social foi formulada por espiritos estreitos de «societarios» — philosophos que pretendem fazer do individuo tão só uma pedra do edificio, um membro do corpo social, que não um organismo distincto, um livre associado. Ora eu creio que se o individuo é um *componente*, um *dependente* do meio, tambem, de par e passo, é um *independente*, um *de-componente* do mesmo meio: determina e é determinado, projecta e reflecte ao mesmo tempo, auctor e actor simultaneamente.

Fazer do artista o porta-voz dum determinado principio philosophico ou politico, é dar á arte um caracter proselytico que ella de forma alguma deve ter. A arte é essencialmente emocional, e a emoção gera-se na alma e só na alma do artista em harmonia com as especiaes modalidades dum temperamento. A arte só tem, pois, que ver com a alma.

Acodem-me estas e similares considerações, precisamente quando acabo de ler o derradeiro numero de *L'Ere Nouvelle*, revista mensal que dirige, em Orléans, E. Armand, infatigavel espirito de homem livre, verdadeira mentalidade de *raisonneur* que a cada caso, a cada assumpto tem sempre a apresentar uma theoria *sua*, um ponto de vista intimo e pessoal.

Nas suas laudas, entre outros curiosos, bizarros escriptos, estende-se um artigo de Wm. Zukerman, *Les tendances de la litterature moderne*, que synthetisa precisamente o meu pensamento a proposito. Vejamos alguns dos seus topicos :

«O principio fundamental da arte», disse Stanislas Przybyszewski, figura bem conhecida da litteratura moderna «é o que considera a alma como uma potencia individual, como que viajando do infinito ao finito, essa alma que, pela vontade de qualquer poder desconhecido, desce á terra, regressa ao infinito e encarna-se de novo . . .»

«E' esse o primeiro principio da litteratura moderna, corrobora Zukerman. Tudo o mais, — leis, regras, regulamentos — só vem em segundo logar, como um corollario da-

quella exigencia primordial. A Arte é emoção, sentimento; é a filha da alma; só despreze manifestações emocionaes: não se interessa por mais do que pelo desenvolvimento e crescimento espirituaes. Afóra da alma, nada mais existe para a arte; tudo o que fica para alem do espirito é um campo extranho para a litteratura: o mundo dos phenomenos exteriores é, para a arte moderna, um «mundo em descripção». Tendo elegido a alma como baze, a litteratura moderna deve necessariamente ser subjectiva e individualista, de preferencia a objectiva e social. Põe inteiramente de lado o mundo dos phenomenos exteriores e confina-se unicamente no mundo interior do homem, o mundo dos sentimentos e das emoções. E' o que a torna individualista e psicologica. E' o individuo e não a sociedade o que interessa o escriptor. A sociedade não tem alma, é uma ideia abstracta; é uma parte do mundo exterior, o mundo dos nossos cinco sentidos, o mundo que passa, o mundo enganoso, o mundo que Zola e os seus discipulos aprenderam a copiar com a fidelidade de machinas».

«O resultado d'isto é que assistimos actualmente ao declinar de obras como «Os sustentaculos da Sociedade», de Ibsen, «Antes do nascer», de Sudermann, «A Mãe», de Gorki, etc., e ao triumphar das obras psicologicas de Przybyszewski, Sonnitzler, Andreyeff. Gorki, o ideal da Russia ainda ha bem pouco, é considerado pelos criticos como *exgotado*».

«Essa corrente psicologica arrasta naturalmente a litteratura moderna para o mysticismo e para o symbolismo. Quando os homens, com effeito, vão «para além da consciencia» á pesquisa das causas das cousas, quando uma escola abandona inteiramente o mundo exterior como «passageiro, accidental e falso», está destinada a lançar-se na metaphysica, no symbolismo e no mysticismo. No fim de contas, o symbolismo e o mysticismo não são mais do que a psychologia da alma levada ao extremo».

«A bem dizer, não é o realismo em si mesmo o que os modernos se esforçam por evitar, mas sim os methodos e as formulas da escola realista. O abysmo entre as duas

IRMÃO GENEPRO

Tanta pietà avea alli poveri frate Ginepro e compassione, che quando vedea alcuno che fusse vestito male o ignudo, di subito toglieva la sua tonica...

FIORETTI DI SAN FRANCESCO

Repreende o guardião
Genebro, porque este dava
todas as vestes com que se cobria
a quanto pobre de ellas precisava
quando o tempo arrefecia.

Fica Genebro triste, e vae scismando . . .

Ab!, como o calor gela o nosso corpo quando
tremem outros, e vão pelos caminhos
adiante,
sentindo em si cravados os espinhos
do ar todo erriçado e acutilante!

E como é bom sentir
na carne as umbas glácidas do frio
quando a gente se despe e oferece, a sorrir,
aos nus nosso calor palpitante de amor,
que lhe agasalha em doce calentura
o trémulo arripio
da sua alma incolhida a livitar!
— E' dar
um pouquinho de Sol, durante a noite escura . . .
E Genebro suspira . . .

E p'lo caminho

vem caminhando agora um pobrezinho.
E Genebro sorri.

E falando ao mendigo :

— Olha lá, meu amigo,
eu não te posso dar o que me cobre,
que prohibido estou de o dar a alguem.
Porém,
com este norte nos arés
que agora começa a haver,
e tu tão rotinho e pobre . . .
— Enfim, se tu m'o tirares,
então . . ., que lhe hei de eu fazer? . . .

O outro o dápe, imediatamente,
logo se cobre e se aquece,
desaparece . . .

E Genebro sorri, todo contente.

(1) AFFONSO LOPES VIEIRA.

Do seu livro
"Canções do Vento e do Sol,"

(1) E' um poeta de valor, embora irregular.—
Tem versos de um intenso e enternecido lyrismo,
de uma harmoniosa e clara simplicidade.— Em
outros, porém, um symbolismo pretencioso e uma
ingenuidade affectada fazem-nos lamentar que um
tão bom poeta perca o seu talento em coisas tão
frívolas e tão faltas de uma Arte verdadeira e sã.

escolas não é tão profundo como parece á primeira vista. A differença não consiste na materia do assumpto, mas sim na forma. Os realistas pintam as cousas taes quaes as vêem, os modernos descrevem as impressões que os objectos fazem nelles. Por outros termos, os modernos são *realistas impressionistas*.»

«Como resultado do seu impressionismo, a litteratura moderna é lyrica e poetica. Um trecho de prosa moderna lê-se como poesia.»

«Tem-se, muito justamente, observado que a arte moderna é religiosa, á pesquisa do divino. Como a religião (a verdadeira religião, não a da igreja) ella tende a despertar o sentimento, as emoções e uma contemplatividade mais elevada. Entretanto, não faz mais do que despertar essas emoções,—

não as orienta, não as dirige, não as expõe. Não é esse o fim da litteratura. O artista não é nem um educador nem um philosopho; o artista moderno, especialmente, mostra uma tendencia e uma moral, eis tudo. Elucidar não é a tarefa que lhe compete: essa, deixa-a ao talento superior. A sua missão é maior. Desperta o pensamento, suscita sentimentos que muitas vezes não comprehendemos, que muitas vezes não podemos expressar por palavras, mas eleva o homem, leva-o mais perto do divino, da bondade, da belleza.»

Em synthese, e tornando extensivas taes considerações á arte em geral, o que ali fica condiz perfeitamente com o meu modo de pensar em tal materia. Por isso o trasladei.

ANGELO JORGE.



BARCELLOS — LARGO DA CALÇADA

Cartas á minha vizinha

XVI

O custo da familia. — Como se paga caro a ambição de ter um lar. — A predilecção da mulher pelo luxo. — A «coquetterie» feminina, como um instinto que vem da prehistoria. — Ideias de Spencer. — As joias de Mephistopheles e a tentação de Margarida. — O vestuario da mulher. — Uma tyrannia absurda: a «moda». — A ignorancia da «economia domestica». — Na educação d a mulher portugueza é desprezado o «essencial». — Sabias palavras de M.^{me} Moll-Weiss, — As escolas ménagères. — Um interessante costume da Suecia. — O «aprendizado das noivas». — Como nós os homens temos razão para reacear o casamento.

Vizinha :

O casamento é hoje um luxo que se paga caro, e que pesa, que esmaga horrivelmente o desgraçado, que não tenha um largo rendimento para o supportar.

No custo da familia entram, como um pesado encargo, os filhos e aggravam-o muitas

vezes os vicios e os desregramentos do marido.

Mas a mulher contribue com um elevado coefficiente para a alta do preço por que hoje se paga a nobre e honesta aspiração de possuir um lar.

O luxo, que é uma doença geral, ataca de preferencia a mulher, e é velha já a sua predilecção pelos ornatos, pelas joias, pelos vestuarios decorativos.

Spencer observou, nos povos selvagens mais atrasados, como os *adornos* precederam o *vestuario* e como a mulher mostra sempre uma *sympathia* maior pelo luxo, pela ostentação do traje e dos ornatos.

Nos obscuros tempos da idade de pedra, 8:000 annos antes de Christo, Vizinha, quando o homem habitava em cavernas ou em estacarias sobre os lagos e passava o seu tempo nos prazeres brutaes da guerra, defendendo-se das feras e caçando para se alimentar e vestir, já a mulher era *coquette*, já ella apreciava o luxo e cultivava a arte de agradar. O homem era brutal, despotico, feroz, impetuoso; para se defender das suas brutalidades, para o prender, para o dominar, a mulher, fraca e desprotegida, recorria á seducção, á *coquetterie*, aos adornos que fazem realçar a belleza.

Não ria, Vizinha, quem o diz não sou eu, é o severo philosopho inglez . . .

De geração em geração o desejo de agradar, de seduzir e como consequencia o prazer do luxo, do vestuario e das joias que attrahem, foi-se accentuando na mulher e tornando-se uma necessidade organica, como que um instincto.

Mephistopheles bem o sabia quando foi collocar no quarto de Margarida as joias que a haviam de seduzir. «Affianço-te, dizia elle ao Doutor Fausto, que este escriptorio lhe ha-de entontecer a cabeça».

E entonteceu . . .

Como é humana, como é feminina a perturbação que Goethe faz sentir a Margarida, quando ella pela primeira vez se adorna com essas joias traiçoeiras, que lhe vão envenenar a sua alma, humilde e simples como as flores dos montes !

Ora, Vizinha, Mephistopheles ainda tenta hoje a mulher e hoje mais que nunca, com as *joias caras* e os *vestidos sumptuosos*.

O luxo tornou-se hoje uma febre, uma paixão, uma vertigem!

O vestuario da mulher! só elle, Vizinha, é de fazer calafrios a quem se queira aventurar na dolorosa via do casamento! Que profusão, que variedade de mil pequenas coisas, que todas se pagam e ás vezes por um preço aterrador!

Depois a *moda*, Vizinha, a horrivel *moda*, a absurda *moda* que é um insulto á liberdade de pensar e proceder, tão apregoada no nosso seculo!

A *moda* que sujeita a mulher de um paiz que tem as suas tradições, os seus costumes, o seu typo ethnico, o seu temperamento caracteristico, a adoptar um vestuario incaracteristico, muitas vezes inadapitado ao seu character, ao seu gosto, até á sua maneira de sentir e de pensar!

Não é absurdo, não é estúpido, não é incomprehensivel que algumas casas de modas francezas para fazerem o seu commercio e algumas *cocottes* que as servem, decretem de anno para anno o vestuario que muita creatura honesta e despretenciosa adopta cegamente?

E no emtanto, Vizinha, quanto dinheiro, quanto tempo perdido não custa essa carreira exhaustiva atraz da moda, que a cada momento inventa novas torturas e novas despesas!!

Como pode resistir-lhe um orçamento em que as receitas são pequenas?

E, minha encantadora amiga, quantas raparigas do seu tempo possuem a grandeza de alma necessaria para se libertarem da cega preocupação da moda? quantas se resignam de bom grado a ser criticadas pelas companheiras, quando têm um pequeno guarda roupa, quando usam muito tempo um vestido ou quando elle sahe um pouco dos moldes tyrannicos da moda?

A mulher de hoje é, na verdade, pelo seu luxo, pela sua frivolidade, já de per si um grande e custoso encargo. Mas ainda se torna mais pesado se ella não sabe administrar com cuidado e economia a sua casa.

E a esse respeito, Vizinha, a educação das nossas burguezas não é nada tranquillizadora.

Nos collegios não se aprendem as normas de economia domestica, tão necessarias para a direcção interna do lar que incumbe á mulher. O tempo é pouco para os bordados, para o canto, para o classico francez, para o fatal piano. Tudo o mais fica em um segundo plano ou é desprezado.

E isso que se despreza, Vizinha, isso que a mulher portugueza em geral ignora ou sabe só rotineiramente, são precisamente os conhecimentos essenciaes para a vida: *é o governo de casa, é a hygiene da habitação, do vestuario, da alimentação, são as normas praticas da escolha de mobiliario, da organização da cosinha, da regularização das despesas, do tratamento e educação das creanças, dos cuidados com os velhos e com os doentes.*

Esses conhecimentos, minha encantadora amiga, são muitas vezes a garantia, da saude, do bem estar, da abundancia, da felicidade dentro da familia.

«A dona da casa quanto melhor conhecer a economia domestica, tanto mais facilmente saberá, mesmo com um orçamento modesto, procurar o bem estar áquelles que tem junto de si, diz Madame Moll-Weiss, a sabia directora da Escola das Mães de Paris. (1) Naquelle que a ignorante despresa, sabe a boa dona de casa encontrar uma utilidade para a mesa ou para o vestuario. Ella fará *descobertas, pequenas invenções praticas*. Organizadora intelligente ella dará a illusão de uma riqueza que não tem e que não é mesmo necessaria.»

Por isso, minha boa amiga, se crearam lá fóra, nos paizes onde se cuida a serio da educação da mulher, as *Escolas Ménagères* onde se ensinam *praticamente* as educandas a organizar e dirigir o seu lar.

Possuem-as a Inglaterra, a França, a Suíssa, a Belgica, a Austria-Hungria, a Hollan-

(1) Na sua bellissima obra: *Le Livre du Foyer* que eu quereria ver nas mãos de todas as donas de casa que pensam a serio na responsabilidade e na nobre elevação da sua tarefa.

da, a Suecia, a Noruega, a Dinamarca, a Russia e os Estados Unidos.

Na Europa, Vizinha, a primeira d'essas escolas tem a velha data de 1 de dezembro de 1865 e foi fundada na Suecia: é a veneravel escola de Goteborg. E, n'esse paiz encantador, como o tempo de noivado é longo, as noivas, durante esse periodo, vão fazer antes do seu casamento o seu curso de economia domestica ás escolas *ménagères*, a que chamam por isso «escolas de noivas».

E' adoravel, não é verdade, que a mulher, tendo a plena consciencia da responsabilidade da sua missão no lar, quando vae entrar para elle, se prepare para a realizar com a maior consciencia e a maior belleza?

Entre nós, minha boa amiga, não ha uma só escola *ménagère* e poucas, muitas poucas mulheres se preocupam, antes do casamento, com essa preparação tão necessaria para dirigir e organizar um lar.

Não acha por isso um pouco justo que os homens sem fortuna se acovardem perante os encargos da familia?

Não me concede que a falsa educação das nossas burguezinhas, a sua pouca simplicidade, a sua ambição do luxo, a sua falta de preparação para a vida de familia, tornam demasiado pesados esses encargos, e tristemente justo esse receio?

Para que a mulher censure, com auctoridade, o *casamento por dinheiro*, é preciso, minha encantadora amiga, que *ella valha por si*; que pela sua simplicidade, pela sua preparação para a vida, pela saude do seu corpo e pela clara belleza da sua alma, ella seja a segura garantia, da paz, da alegria, da felicidade do nosso lar.

Do seu Vizinho e amigo sincero,
ainda que :

Importuno'



O Natal perto do Polo Norte

... Nansen descreve no livro *Vers-le Pôle* a sua viagem para o Polo Norte, que o immortalizou. — Poucos livros conhecemos tão curiosos e tão altamente educativos, como o de Nansen. — Mostra-

se nas suas paginas um tão grande valor moral, uma tão forte e heroica serenidade, uma tão profunda e clara alegria de viver, que nos prende, nos commove e nos entusiasma. — A narrativa de Nansen tem, sobre as engenhosas phantasias de Julio Verne, a vantagem da sua *realidade*, de ter sido intensamente *vivida* e sentidamente *descripta*, com as tintas poderosas da verdade.

E' um trecho d'esse bello livro, escripto por um alto e nobre espirito, que todo o mundo admira pela sua intrepidez e saber, que nós adeante traduzimos. — Escolhemos a parte em que Nansen descreve como passou o Natal de 1894 a bordo do seu navio o «Fram» (Ávante) a 83.º de latitude Norte.

N. da R.

AINDA mais um Natal passado longe dos nossos!

Cada um de nós pensa nos ausentes, mas ninguém deixa adivinhar os seus cuidados. Nas provações que atravesso é ainda a esperança que me dá animo.

Depois de longos dias de incerteza entrevejo o successo, o fim d'esta noite negra.

No anno passado, em egual dia, um radioso luar illuminava a noite artica silenciosa.

Este anno que differença! Ha tres dias que dura a terrivel tempestade do sueste. A velocidade do vento attinge em media 13 a 14 metros por segundo.

Amontoa-se a neve no convez em compactos montões ao abrigo das amuradas! Mas não ha verdadeiro Natal sem espessos flocos cahindo... Oh! como é bella a neve silenciosa, suavizando com a sua toalha virginal todos os contornos bruscos!

Lá ao longe, na Noruega, a esta hora os sinos repicam festivamente.

Parece-me ouvir o seu alegre murmurio atravez da tormenta...

Acabam de accender os lumes das arvores do Natal e á volta d'ellas as creanças dançam alegremente. Eis a hora do jantar da familia. Vejo o avô todo grave acolhendo, com o sorriso nos labios, os filhos e os netos.

Lá fora, a neve abafa docemente com o seu manto immaculado, o bulício da vida.

Chegando, as creanças sacodem ruidosamente os sapatos, penduram os casacos e entram na sala quente e inundada de luz. Um agradável perfume vem da cosinha e na sala de jantar a mesa veste cheia de gulodices e bons vinhos. Tudo deixa uma impressão de alegria e bem estar...

Paciencia, paciencia, nós temos de ter também a nossa parte de alegria. Mas o caminho a percorrer é bem longo e difícil... No entanto queremos celebrar com grande pompa a nossa consoada. Para a solemnizar compuz, com a collaboração de Blessing, o nosso medico, uma nova bebida «o champagne do 83.º grau de latitude norte» extrahido do succo generoso de amoras das silvas, o nobre fructo das regiões boreaes e articas.

A sala e as cabines do *Fram*, estão brilhantemente illuminadas e o *menu* da ceia foi objecto de especiaes cuidados. O banquete é para nós a unica forma de festejarmos estas solemnidades. A comida é excelente. No fim servem-se os bolos tradicionais, em que Juell, o cosinheiro, trabalha ha muitos dias. Levantam-se brindes aos amigos ausentes. Toca-se, contam-se historias, já muitas vezes contadas, cantam-se canções já velhas. Vão-se buscar muitos livros illustrados á bibliotheca; e eram uma alegria para os nossos olhos essas imagens evocando paizes longinquos onde ha grandes arvores verdes e em que o sol resplandece.

Lá muito longe, na nossas terras, com certeza pensam hoje em nós e entristece-os o pensamento dos soffrimentos que sentiremos, no grande deserto gelado do mar do polo. Se elles pudessem ver-nos alegres e bem dispostos como estamos?! Nunca, como agora, tive tanto receio de engordar. E' ver, por exemplo, o *menu* do jantar. Nada menos de cinco pratos.

Uma sopa de *ox-tail*, um pudim de peixe, um assado de renna com ervilhas, batatas, creme, doces de calda, biscoitos... A' noite serve-se o café com ananaz, massapão, bolos de gengibre e figos seccos.

Depois de ceia um grande baile em que

Hansem e eu temos a honra de representar o bello sexo ausente.

A orchestra, que era o violino de Mogsstad, um dos nossos companheiros, teve de tocar até se cançar de todo, para satisfazer o entusiasmo dos que dançavam, sobretudo de Peterson, segundo machinista.

E durante este tempo ha sempre bom vento. Naturalmente já passamos o 83.º de latitude norte. Até agora a tempestade impediu-nos de verificar a nossa posição. De dia apparece, porem, uma estrella, Hansem corre logo: estamos ao norte 83.º, 20 de latitude e esta noticia augmenta ainda a alegria geral.

Tres dias depois o navio soffre um choque terrivel. Vou vêr o gelo, parece calmo. A's dez horas e meia da noite novo embate; depois, de vez em quando, vibrações e cerca das onze horas e meia embates mais violentos.

Evidentemente o gelo trabalha junto do navio. Levantei-me para examinar o que havia, quando Mogstad me veio annunciar a formação junto da proa de um *toross* (amontoado de blocos formado pela fractura de placas de gelo) muito alto.

Corremos para o convez com lanternas. A uma distancia de cincoenta e seis passos da roda da proa eleva-se, parallelamente ao canal aberto a bombordo, um montão de blocos, contra o qual actua a *pressão* com uma força temivel. O gelo estala e range; ha um instante de silencio; depois essa crepitação recomeça mais violenta, para em seguida enfraquecer. Todos estes ruidos extranhos parecem rythmados. O *toross* avança lentamente em direcção ao navio. De um momento para o outro pode tornar-se a situação mais critica: dou ordem ao homem de quarto para vigiar attentamente e chamar por mim se o *toross* avançar ou se o gelo se quebrar em torno do navio. Entretanto volto para o meu beliche para me deitar.

Nunca experimentei sentimentos tão extranhos ao approximar-se um anno novo. Esse que vac chegar será com certeza um dos mais importantes da minha vida: elle ha-de trazer-me a victoria e a vida ou a derrota e a morte.

QUADRAS DO NOSSO POVO

N'este mundo de gelo, os annos passam sem deixar vestigios e nós ignoramos tanto os que elles terão aproveitado á humanidade como desconhecemos o futuro.

Este novo anno vem ter commosco á entrada de uma região completamente desconhecida.

O vento que n'este momento assobia na mastreação, arrasta-nos para latitudes que ninguem attingiu ainda. De certo o anno de 1895 marcará o ponto culminante d'esta marcha para o norte, se qualquer acontecimento não fizer desvanecer as nossas esperanças.

FRIDTJOF NANSEN.

Chronica agricola

ASSOCIAÇÕES AGRICOLAS

N'UM meio como o nosso, onde a propriedade rural se encontra tão dividida, necessario se torna oppôr aos inconvenientes que d'ahi resultam, a união dos lavradores em associações.

Quando a divisão da propriedade é grande, os lavradores perdem muito tempo em pequenos negocios e não lhes é facil tratar a terra pelos processos modernos e, como consequencia, os generos encarecem. A pequena industria tambem soffre, por não poderem os pequenos lavradores comprar ferramentas aperfeçoadas, bombas, engenhos, machinas agricolas, etc.

O principio associativo deve ter aqui uma segura influencia. O que um pequeno proprietario não pode conseguir por falta de capital, podem obtel-o dez ou vinte, etc.: quantos os necessarios, para que a terra seja cultivada segundo as melhores normas.

A grande alavanca do progresso actual n'algumas regiões populosas, tem sido o principio associativo.

A Italia, a França e ultimamente a Hespanha, devem grande parte dos progressos agricolas ás suas associações. Esta tendencia manifesta-se, principalmente, nos pontos em que a população é mais densa.

*Quem tiver amor aos homens
Não lh'o dê a conhecer;
Que elles são como as creanças:
O mimo os deita a perder.*

*

*Os pombinhos innocentes
Abraçam-se e dão beijinhos;
Façamos, amor, façamos
Como fazem os pombinhos.*

*

*Trago dentro do meu peito,
Chegadas ao coração,
Duas lettrinhas que dlzem,
Morrer sim, deixar-te não.*

*

*Quem me dera ser o linho
Que vós na roca fiaes;
Quem me dera tantos beijos
Como vós no linho daes!*

*

*Coração, não vivas triste,
Vive alegre, se puderes;
Que inda te ha-de vir á mão
O coração que tu queres.*

No Minho, a densidade de população attinge, em algumas regiões, a enorme cifra de 189 habitantes por kilometro quadrado, não descendo nunca abaixo de 92; ao passo que no Alemtejo, essa oscillação dá-se entre 17 e 14.

A falta de illustração, a maneira como a população rural se encontra dispersa pelos campos, entregue aos seus trabalhos, e o seu character bisonho, influem d'uma maneira poderosa para que se accentue esta enorme falta de associações agricolas n'esta nossa provincia.

O lavrador, em geral, tem um amôr egoista pelas suas terras e em logar de apreciar o principio de solidariedade, o seu maior prazer é vê-las mais prosperas do que as dos vizinhos. Comtudo, a tendencia associativa existe bem manifesta no nosso bom povo minhoto, expressa pela troca de serviços ruraes.

Formam assim uma especie de cooperati-

va, na qual os vizinhos contribuem com o seu esforço, para acudir aos grangeiros que pedem execução rápida, como: a sacha do milho, as costumadas esfolhadas, as malhas de milho, trigo e centeio, a vindima, etc. etc.

Parece, portanto, que só é preciso despertar, porque o sentimento já existe.

É de estranhar que os nossos lavradores e proprietários se queixem sempre da sua situação e cruzem os braços sem fazer o mínimo esforço por melhorá-la.

Os governos têm, é verdade, uma grande influencia sobre tudo que seja desenvolvimento da riqueza publica; mas é preciso que nós trabalhemos também, auxiliando-o n'essa tarefa.

Já alguma cousa se tem praticado no paiz; mas pecamos sempre pelo defeito de dar um conceito exaggerado a theorias inverosímeis, que, postas em pratica, em vez de avançar, retrogradam.

Assim, temos por esse paiz fóra um numero muito regular de syndicatos agricolas; mas, infelizmente, devido á má orientação, poucos se destacam pelos beneficios que prestem.

Entre outros poderei citar os de Abrantes, Elvas, Lages, Porto, Aveiro, Altar do Chão e Braga.

Destaca-se de todos o de Abrantes, com oitenta e quatro associados e uma caixa economica e de credito, com o capital de 5:500\$000 reis.

A cidade d'Elvas também possui um syndicato com 74 associados e cuja escripturação accusava, em 1907, um movimento de treze contos em compras de sementes, adubos e machinas.

Este syndicato é um grande propagandista; promove exposições pecuarias e agricolas, como ultimamente por ocasião das grandes festas de setembro.

As associações agricolas, como regra geral, devem promover a melhor collocação dos productos agricolas dos seus associados, comprar em melhores condições os adubos, sementes, machinas, etc.

Devem fazer uma propaganda tenaz por meio de pequenos ensaios em sementes novas, fazer experiencias com as machinas

agricolas mais adequadas á região: devem facilitar por todos os meios ao seu alcance, o revestimento florestal e aproveitamento dos terrenos incultos, exemplificar praticamente, por meio de culturas apropriadas, o melhor e mais remunerador aproveitamento das terras cultivadas e interessar o povo nas diversas questões agricolas.

Depois de se fazer a união d'um pequeno grupo dentro da freguezia, tratar-se-hia da agremiação de todas ellas, na defeza dos seus interesses regionaes, fazendo comícios, captando a symphathia da imprensa e mandando até ao parlamento seus legitimos representantes.

L. MARÇAL.



TRIBUNAES PARA CRIANÇAS.

O artigo que, com este titulo, publicamos no ultimo numero d'esta *Revista*, devido á penna do nosso querido collega da redacção Dr. José Belleza dos Santos, foi trasladado pelo brilhante bi-semanario *O Povo*, de Vianna do Castello, que teve a gentileza, que muito nos penhorou e reconhecidamente agradecemos, de acompanhar a transcripção das amabilissimas palavras que reproduzimos:

A *Barcellos Revista* é uma das publicações mais inteligentes e melhor orientadas que circula no norte do país.

Temo-la cuidadosamente seguido na trajetória ideal da sua acção e não vimos senão que um grande amor pátrio, substanciado as mais das vezes no amor á região, a orienta sempre.

Das suas columnas trasladamos já, ha tempos, um artigo sobre *regionalismo*.

Outra transcripção fazemos hoje dum artigo sobre *Crianças nos tribunaes* que se nos affigura excellente. Firma-o J. B.—que julgamos um dos mais claros e bondosos espiritos que nos ultimos annos frequentou a Universidade.

—Tambem a *Republica Portugueza*, bem redigido diario da capital, nos honrou com a transcripção do mesmo artigo, o que muito agradecemos.